



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16597 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

DIVERSIDADE NA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE A PRESENÇA DE ESTUDANTES TRANSEXUAIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Matheus Nunes Godeiro de Freitas - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

Mônica Clementino de Menezes - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

Adenilson Souza Cunha Jr - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESB

DIVERSIDADE NA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE A PRESENÇA DE ESTUDANTES TRANSEXUAIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos-EJA no Brasil tem sua trajetória histórica marcada por marginalização da modalidade e dos seus sujeitos. Nas políticas públicas educacionais sempre esteve em segundo plano, além de enfrentar incertezas e os retrocessos a cada mudança de governo no país, nas últimas décadas tais fatos tem ficado mais visíveis com processo de desmonte que a educação vem atravessando ao ser alicerçada pelo capital empresarial que visa a qualificação de pessoas para o mercado de trabalho sem atentar-se para a diversidade dos sujeitos.

Os avanços conquistados pela EJA no campo legal têm contribuído para ampliar o acesso da diversidade na escola, mas isso não significa a garantia da permanência, da inclusão e da afetividade aos diferentes sujeitos em sala de aula. Temos percebido que é cada vez mais recorrentes relatos de estudantes que sofreram algum tipo de discriminação e preconceito, pela orientação sexual, na escola, seja por falas e ações preconceituosas.

O texto tem como finalidade fazer breves reflexões acerca dos principais desafios enfrentados por estudantes transexuais para permanecerem na EJA e as estratégias de resistência que utilizam para superá-los. Diante da condição de marginalização vivenciada por estes educandos inseridos II Segmento, IV etapa da educação de jovens e adultos, que corresponde ao 6º e 7º anos das finais do ensino fundamental modalidade da EJA, em duas escolas públicas municipais localizadas em comunidades periféricas em um município do Extremo Sul da Bahia.

A presente pesquisa embasa-se na abordagem qualitativa que para Haguette (1995, p. 6), “[...] os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser”. Para embasar os diálogos realizou-se na pesquisa bibliográfica “A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos [...]” (Severino, 2007, p. 122). E realizou entrevistas narrativas com três estudantes com idade entre 18 e 25 anos que se autodeclararam transexual.

Os resultados evidenciam que os estudantes transexuais enfrentam desafios significativos para permanecerem na EJA, principalmente preconceitos e discriminação de gênero, por meio de falas, ações e práticas pedagógicas que legitimam esses instrumentos de opressão.

Políticas de acesso à escola, nas universidades e no mercado de trabalho são bandeiras a qual grupos minoritários têm cobrado aos governos. Recorrente da falta de acesso, está população não consegue estudar, e muitos casos, são expulsas de casa, são excluídas de todos os campos de protagonismo social (escola, trabalho, família, igreja etc.) e como consequência não conseguem emprego, tampouco ascender no campo educacional. Toda essa problemática não deixa de reverberar como uma sentença de morte a estas vidas.

2 REFLEXÕES SOBRE A DIVERSIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Os diálogos aqui traçados são frutos de nossas inquietações enquanto profissionais da educação inseridos no chão da sala de aula, que percebe no fazer cotidiano do exercício da docência que o ato de educar, é sem dúvida um ato de resistências em um campo de luta, de tensionamentos e de contradições ao qual a escola se constitui, mas é também o espaço ímpar para o enfrentamento das desigualdades, geradas por questões de raça, classe e gênero. A instituição escolar

é o espaço de enunciação pelo papel político e social da educação enquanto instrumento de resistência.

As representações construídas acerca do gênero elaboraram ideias em torno do feminino e masculino e, por isso, a “fragilidade” passa a ser um atributo feminino, enquanto que “força e coragem” se tornam associadas à masculinidade. É nesse sentido que opera a dominação patriarcal, que produz a submissão feminina e, conseqüentemente, a desigualdades entre os sexos. Essas relações são elaboradas a partir de diversos fatores, entre eles a separação de meninos e meninas desde muito cedo no espaço escolar, que determinam a secular dominação masculina. Para Bourdieu

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a distribuição social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura dos espaços, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens e a casa, reservadas às mulheres; ou, no interior desta entre a parte masculina, com o salão e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos (BOURDIEU, 2005, p.18).

Os arranjos de gênero impostos em nossa sociedade, reforçado na escola exercem uma violência sobre nossa vida cotidiana, ainda mais quando há transexuais. Eles (heterossexuais) criam expectativas a respeito de como devemos agir, do que pensar e do que gostar. Quando associamos um comportamento específico a um grupo de pessoas só porque são mulheres, homens, meninos e meninas, estamos produzindo alguns estereótipos de gênero, limitando as aprendizagens e diminuindo expectativas de permanência. Por exemplo, grandes jogadores (as) saem das escolas públicas para grandes times de futebol. Meninas, neste caso, são desencorajadas a praticar este esporte porque é subentendido de que é coisa “de menino”, justificando de que são fracas, excluindo todas as possibilidades de ascensão estudantil e profissional.

Simbolicamente, este grupo é marcado por estereótipos que vinculam anomalias, anormalidade, desajuste social e muitas vezes são também atribuídas à falta de Deus. Surge daí conflitos sociais que não ser “normal” implicam em exclusão. O menino/menina trans, ao chegar à escola, carregado e marcado por dificuldades de permanência, posteriormente adota formas de adaptação e auto apagamento, isto é, evita estar em evidência nas relações de poder, porém com o passar do tempo os sistemas classificatórios estabelecem fronteiras simbólicas que inclui ou exclui. Estas ferramentas de sobrevivência, corriqueiras na população LGBTQIAP+ não podem mais ser vistas como única forma saudável em se manter

viva (o).

Desde que foi reconhecida pela Lei de Diretrizes da Educação Nacional lei nº 9394/1996 que esta modalidade vem traçando uma luta pelo reconhecimento do direito à educação destas pessoas minorizadas pelas hierarquias dominantes de nossa sociedade. A EJA é o espaço da diversidade na escola, seus sujeitos não múltiplos, em raça/cor, gênero, classe, orientação sexual, são trabalhadores/as, pessoas privadas de liberdade, em situação de rua, transexuais, mães solas, desempregados dentre outros, por isso faz-se preciso um olhar ético e inclusivo com e para eles na escola.

Enquanto a heteronormatividade mantiver seus privilégios, é impossível alargar horizontes. Como forma, tudo que não se encaixa nos seus respectivos comportamentos e no modo de vida é também uma maneira de alimentar e perpetuar modelos dos quais valorizam somente, a partir do sexo, atividades masculinas ou femininas. Daí, entende-se que neste contexto, não há espaço para a diversidade na educação, em especial, de jovens e adultos que estão em constante contato entre gerações. Para Arroyo (2012), os sujeitos da EJA são os mesmos que foram subalternizados, excluídos dos direitos à cidadania, ou seja, são aqueles que foram postos pelas sociedades na categoria de minorias, quando de fato constituem a maioria. “Reconhecer os jovens e adultos como membros de coletivos” (Arroyo, 2012, p. 24). Estes coletivos são formados por sujeitos das camadas subalternizadas da sociedade que frequentam EJA na tentativa de superar parte da desigualdade imposta por séculos. Para Louro, 2008, a construção de gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas. A partir deste conjunto inesgotável de reforços (linguagem, comportamento, sociedade, pensamento), este processo minucioso privilegia heterossexuais a gozarem de suas próprias imposições que não os atingem, mas violentam, segregam e matam transexuais, não cabendo acolhimento.

A escola carrega um quadro de violência estrutural que submetem estudantes transexuais a desistirem da educação, agravada ainda por situações delicadas e vulneráveis, auto culpabilização, racismo e internalização de inúmeros sofrimentos sofridos em sala de aula. Os modelos impostos, em especial o comportamento heteronormativo, perpetuam-se no automatismo dos hábitos como *modus operandi*. Segundo a visão foucaultiana, regimentos internos escolares, técnicas em limitações, obrigações e proibições em massa são elementos significativos numa relação de docilidade que emboca na disciplina. Em muitos casos, a educação acaba por reforçar e abrir ainda mais a separação na medida em que elabora atividades diferentes para os sexos. Rivalizam, criam disputas e marca expectativa de gênero.

Para Foucault (1988), este disciplinamento domina o sujeito, organiza o

espaço e faz do indivíduo um sujeito manso, fácil de manipulação. Para se utilizar de forma prática, grupos usam deste mecanismo como alvo de poder disciplinar voluntariamente ou involuntariamente a fim de domínio sobre outros (as), neste caso, das (os) transexuais na escola.

A naturalização do comportamento dos alunos agressores em detrimento às minorias (LGBTQIAP+) funciona por meio de reproduções redutivas, violentas e discriminatórias. Desse modo, a comunicação não-saudável para com a população trans pressupõe a falta de respeito, transfobia e violência na maioria dos casos. A roupa, as unhas, os cortes de cabelo são as primeiras expressões que causam problemas.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa é o espaço para dar voz os sujeitos invisibilizados e marginalizados pelas estruturas sociais que legitimam o individualismo, e as divisões de classe. Nesse contexto esta pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa que para Haguette (1995), nos faz perceber os elementos subentendidos nas relações e vivências dos sujeitos nos lócus da pesquisa, assim como, apreender os sentimentos, nos gestos e expressões aspectos não quantificáveis.

A metodologia empregada, inclui análise de documentos oficiais, revisão da literatura específica, entrevistas narrativas e outras fontes correlatas. Benjamin (1994, p. 205) descreve a entrevista narrativa como uma “forma artesanal de comunicação” que mergulha na vida do narrador para depois extrair dela os elementos essenciais.

Para tanto fizemos uma busca na pesquisa bibliográfica. As informações foram colhidas por meio de entrevista narrativas realizadas individualmente com três estudantes com idade entre 18 e 25 anos que se autodeclararam transexual. As narrativas ocorreram em dias diferentes com cada aluno, na biblioteca da escola, lócus por eles escolhido, forma gravadas para depois possibilitar a transcrição e análises das categorias discutidas no texto. As categorias apresentadas nas entrevistas foram analisadas com bases no escrito de Jovchelovich e Bauer (2002).

O terceiro momento foi a análise estruturalista que nos permitiu explorar as relações e estruturas subjacentes nas narrativas observando a organização os fenômenos apresentados nas narrativas. Salientamos que os estudantes assinaram o termo de confidencialidade, os nomes aqui descritos foram sugeridos pelos informantes. Visto que condição de responsáveis por este estudo, comprometemo-

nos em manter sigilo de todos os seus dados pessoais, evitando também riscos a sua saúde e integridade física, por essa razão agendamos as entrevistas previamente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA

A presente pesquisa procurou fazer breves reflexões acerca dos principais desafios enfrentados por estudantes transexuais para permanecerem na EJA e as estratégias de resistência que utilizam para superá-los. As mediações promovidas a partir das narrativas e da fundamentação bibliográfica apontam que o estudante transexual sofre as mais perversas e vil forma de violência e discriminação, faltam políticas públicas efetivas para atender as demandas e as especificidades desses sujeitos na EJA.

Quando eu vim estudar a noite, porque não aguentava mais a perturbação do turno matutino. Os professores me tratavam mal, nem os colegas, diziam que eu era espalhafatosa. Os colegas me colocavam apelidos depreciativos, eu reclamava na direção que não fazia nada. Eu fiquei dois anos sem estudar quando eu voltei pedi para ficar na sala dos mais velhos eles são mais respeitosos, (Michelly, entrevista narrativa, agosto 2024).

A fala da estudante revela um percurso marcado por discriminação na escola, falta de acolhimento, desrespeito aos seus direitos de ser humano, mas a esperança de transformação, ao retornar à escola.

Senhora quer saber o que é sofrer seja um de nós por um dia. Só um dia. Eu já apanhei na quinta série de meus de uns colegas machões, muito deles queriam ficar comigo nas escondidas. Tem que ter coragem, a gente sofre violência na rua e em casa, já tomei muitas surras de meu pai para virar homem (suspiro profundo, baixa a cabeça e sorrir). (Mila, entrevista narrativa, agosto 2024).

Eu entrei e sair da escola muitas vezes, porque era muito chato ter que me vestir igual menina sendo que eu já nasci menino. Com minha família também foi difícil como aceitar que sua filha é um menino. Aqui na escola tem professores que respeitam e orientam a gente. (Marcelo entrevista narrativa, junho, 2024).

Nos diálogos com os estudantes, foi possível perceber que as histórias são semelhantes, marcadas pela ausência de escolarização, interrupções e retornos, vítimas dos machismos, da violência física, psicológica, preconceito e falta de oportunidade. Comum é o fato de que “[...]são jovens e adultos populares. Fazem

parte dos mesmos coletivos sociais, raciais, étnicos e culturais” (Arroyo, 2005, p. 29).

Literalmente dentro do armário, muitos jovens que compõem a diversidade são provocados a sofrer em casa, na escola, calados. A falta de mediação como processo flexível e de adaptação as novas subjetividades são atravessadas pelos conflitos que na escola são frutos das desigualdades há muito tempo. Negam-se a escola de hoje tem mudado consideravelmente a partir da inserção de novos alunos com novas perspectivas.

Sujeitos do processo educativo, os jovens estudantes envolvem também nas relações sociais no cotidiano escolar com a cultura informal, prática do respeito, respeito aos direitos humanos e liberdades fundamentais, fomento a diversidade de gênero. É preciso entender qual a concepção da comunidade escolar sobre a temática da diversidade, assim como este tema é abordado nos documentos oficiais e no currículo escolar. Embora as políticas de acesso à escola, nas universidades e no mercado de trabalho são bandeiras a qual grupos minoritários têm cobrado aos governos. Recorrente da falta de acesso, está população não consegue estudar, e muitos casos, são expulsas de casa, são excluídas de todos os campos de protagonismo social (escola, trabalho, família, igreja etc.) e como consequência não conseguem emprego, tampouco ascender no campo educacional.

4. CONCLUSÃO

Este trabalho, ainda em construção, através das narrativas e leituras trazem a reflexão sobre vidas transexuais na educação de jovens e adultos (EJA). Escrever é, sem sombra de dúvidas, um ato em existir e (re) existir a tudo que atinge e mata LGBTs todos os dias no Brasil. A educação, em especial, a pesquisa, consiste em dar voz a quem não tem. Escrever por alguém que não teve oportunidade. É tornar a pauta da diversidade uma bandeira política, transformando a negatividade em positividade, na escola ou fora dela.

A escola tende a neutralizar e silenciar ao invés de entender a pluralidade e a diferença. As suspensões ou transferências dos alunos quando executada pelas direções escolares a alunos agressores somente funcionam como medidas paliativas, mas não corrige a falta de diálogo, transferindo-a sua – da escola – responsabilidade a "falta de educação" em casa.

As gestões e coordenações escolares precisam integrar em suas práticas pedagógicas o ideário democrático em permanecer e respeitar os direitos humanos,

priorizando, de forma educativamente, a ruptura substancial da exclusão na EJA. Incluir acolhimento às vítimas de violência, discriminação e transfobia sob a defesa dos direitos humanos, assim como a prestação de apoio psicológica podem amparar esta população, dando oportunidade de retomar seus estudos. Com o apoio e suporte dos serviços públicos municipais e estaduais, a promoção da cidadania LGBT freará a violência e mediará conflitos.

As contribuições acadêmicas oriundas das manifestações, inquietações e revoltas são ferramentas essenciais no reconhecimento e, sobretudo, no rompimento como senso comum, isto é, com estereótipos, violência, bullying partilhados por todos. Sendo voluntário ou involuntário, o Brasil ainda é o país que mais mata transexuais e travestis no mundo. A negação do acesso a educação tem produzido divisões sociais dolorosas, divisões de classes e identidade que acarretam na falta de desenvolvimento de sua função educacional, socializadora e transmissora de conhecimento.

Reside aí a necessidade de se promover ações que deem aos profissionais na educação orientações pedagógicas, diretrizes e fomentação da cultura em respeito à diversidade, orientação sexual e de identidade gênero. Segundo Turino (2009) para ser resiliente no mundo de hoje e brotar de novo é preciso transitar entre mundos, dominar códigos, ter conhecimento. Indissociável, escola, sujeito e sociedade têm por finalidade envolver relações sociais, educacionais, culturais, econômicas que compunham o processo de ensino e aprendizagem de forma estruturada.

Para Turino (2009, p. 20) “aproximar pessoas, contextos, formas de socialização são ferramentas indispensáveis”. Ao aproximar, continua o autor, “se não tirarmos o véu, ao menos torná-lo mais transparente, translúcido; quebrar hierarquias e construir novas” Assim ocorre quando a empatia, fomento à inclusão e menos exclusão são partes integradas das políticas educacionais de cada escola. Não menos importante, uma autorreflexão pode contribuir para que ao fim de cada ano, o quantitativo e qualitativo sobre a diversidade na escola tenha sido realizado com êxito.

5.REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM CAMPO DE DIREITOS E DE RESPONSABILIDADE PÚBLICA**. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). **DIÁLOGOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ARROYO, Miguel G. **OUTROS SUJEITOS, OUTRAS PEDAGOGIAS**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BENTO, Berenice. **O QUE É TRANSEXUALIDADE** São Paulo: Brasiliense, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A DOMINAÇÃO MASCULINA**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BRASIL, Constituição 1988. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**: Brasília, Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

BRASIL, MEC. **LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL** Lei nº 9.394/96. Fixa as diretrizes e bases da educacional nacional. Brasília, 1996.

FOUCAULT, Michel. **VIGIAR E PUNIR: HISTÓRIA DA VIOLÊNCIA NAS PRISÕES**. Petrópolis: Editoras Vozes, 1988.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **METODOLOGIAS QUALITATIVAS NA SOCIOLOGIA**. Rio de Janeiro, 4ª edição, Editora Vozes, 1995.

JOVCHELOVICH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: Bauer M. W., Gaskell G. (Org.). **PESQUISA QUALITATIVA COM TEXTO, IMAGEM E SOM** um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

LOURO, Guacira Lopes. **O CORPO EDUCADO: pedagogias da sexualidade**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23a ed. revista e atualizada. Cortez Editora. São Paulo, SP. 2007.

TURINO, Célio. **PONTO DE CULTURA: O BRASIL DE BAIXO PARA CIMA** São Paulo, 2009.